

A GRANDE LIÇÃO DO "MAQUIS"



INDA é muito cedo para conhecermos os pormenores essenciais do admirável resgate da França. Sabemos apenas que o povo francês resistiu heroicamente ao invasor, organizou a sua luta nas catacumbas, correu perigos sem conta, suportou afrontas e sofrimentos com paciência indomável e, no momento oportuno, realizava o milagre que encheu o mundo de espanto e, ao mesmo tempo, de simpatia pela nobre e heróica Nação latina.

Que se passa de novo em França? Que força misteriosa galvanizou a alma nacional a ponto de a tornar outra vez viril, ativa, purificada e forte, como no tempo de Joana d'Arc?

Estávamos habituados a ler, nas informações oficiais, que o povo francês se deixara vencer pela anarquia e que dominava nos meios da chamada «Resistência», o espírito bolchevista oriental, destruidor de todos os valores humanos e cristãos. As forças do «maquis», a julgar por essas informações, seriam constituídas pela escória social, pelos elementos do terrorismo anárquico e pela camada inferior do operariado francês. Do lado oposto, as informações oficiais apertavam de patriotas esses elementos organizados que procuravam, por todos os meios, prejudicar o inimigo, tornar-lhe difícil e incerta a ocupação.

Nunca pudemos acreditar na primeira apreciação sobre a constituição e as tendências do «maquis». Conheçíamos de sobejo a França e as suas organizações operárias, mesmo depois da derrota, para aceitar a informação. Os operários cristãos estavam a dominar o movimento social, sobretudo com a sua admirável e conquistadora organização jocista, tornada mais forte, mais unida e mais dinâmica perante o sofrimento comum. Nenhum movimento sério seria possível sem eles, e muito menos contra eles. No íntimo da nossa alma, porque conhecemos o ideal jocista e o temos querido difundir entre nós, o verdadeiro «maquis» deveriam ser eles, esses rapazes ativos, puros, conquistadores, que juraram salvar da vergonha e da humilhação a alma operária do mundo inteiro. Eles eram cristãos. Logo patriotas. Amam a liberdade da consciência humana. Não podiam aceitar a escravidão do espírito, nem tão pouco a da Pátria, símbolo sagrado da liberdade colectiva. Eles amam-se uns aos outros e sabem o valor e o preço da autêntica fraternidade. Como ninguém, estavam dispostos ao sacrifício. O verdadeiro «maquis» deveriam ser eles. Sobretudo eles.

Quando por isso, um dia soubemos que, numa cidade do sul da França, os corpos de trinta desses rapazes, entraram solenemente na Catedral, e que os ofícios fúnebres foram presididos pelo próprio Bispo diocesano, numa imponente e comovedora manifestação de luto nacional, não houve mais dúvidas no nosso espírito.

Mas agora, que já foi revelado o nome do chefe glorioso de toda a «Resistência», Georges Bidault—actual ministro dos negócios estrangeiros — ninguém mais poderá continuar a dizer, como se dizia em Vichy, que os chamados patriotas eram «reles canailha comunista», a soldo de Moscovo. Bidault era, antes da guerra, um ardente defensor dos princípios sociais das Encíclicas de Leão XIII e de Pio XI.

Os seus artigos de fundo no jornal católico «L'Aube» depressa se tornaram célebres pelo arrojo das suas concepções sociais e pelo dinamismo da sua prosa. É um cristão convicto, praticante, chefe do movimento da democracia cristã, em que colaboravam todos os organismos operários católicos, e até mesmo o recente movimento dos «jovens patrões franceses» que estava transformando a mentalidade industrial das grandes regiões fabris, sobretudo no norte da França, sob a orientação do Cardeal Lienart, Arcebispo de Lille.

Não. O «maquis» não foi nem é um movimento de revoltados, nem de degenerados sociais. Foi um movimento altamente nacionalista articulado sobre a espinha dorsal das esplêndidas e florescentes organizações da juventude operária católica e dos trabalhadores cristãos. Foi na escola jocista, onde aprenderam a conhecer e a amar a sua profissão, a sua classe e a sua Pátria, que se forjaram essas admiráveis almas de ardentes patriotas que lavaram a honra da França e estão escrevendo uma das páginas mais gloriosas de toda a sua História.

O mesmo se passou na Bélgica, pátria do jocismo e do grande movimento social cristão, onde, com mil jocistas e duzentos mil trabalhadores cristãos obedeceram cegamente também ao seu chefe da Resistência, outro dirigente do movimento social católico, como Bidault, em França.

Nós não sabemos compreender ainda a força criadora que é o movimento jocista. Porque ele deseja uma

classe operária resgatada, dinâmica, bela e feliz, porque deseja conquistar para a família operária um lugar ao sol e a segurança do dia de amanhã, fazendo valer na vida social os direitos inalienáveis da pessoa humana do trabalhador, logo se criam dificuldades, se desconhece, se maldiz e se acobima de bolchevismo branco as ardentes aspirações daqueles admiráveis cavaleiros do magnífico ideal. Esquece-se de que, para além dos apelos inflamados à justiça social, se vão forjando nestes rapazes almas de combatentes e de patriotas, riqueza moral inapreciável, bastante forte e abundante, para fazer reviver nações abatidas e humilhadas, que cheguem a pensar-se nunca mais se poderiam levantar.

O que tornou possível o triunfo do «maquis» foi, em grande parte, a liberdade concedida às organizações operárias católicas de se organizarem antes da guerra, de falarem em nome

da alma operária, de tomarem posição, perante as forças nacionais, no sentido do levantamento moral e material do trabalho. Puderam assim conquistar a alma operária, por isso mesmo que falavam em nome dela e se identificavam com ela. Quando a Pátria necessitou de todo esse vigor moral, encontraram-o pronto a salvar a pátria, a salvação rápida e brilhantemente.

ABEL VARZIM

das cl... te... jun... Nic... Sua... pati... nor... te... Ec... Mo... dos... test